

## Desafios formativos femininos: entre ser e o vir a ser

**Rosinês Leite Ferreira**

**Universidad Autónoma de Asunción - PY**

**Resumo:** A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma alternativa significativa para aqueles que, por diversos motivos, não puderam acessar a educação em idade adequada. Este estudo concentrou-se na permanência de mulheres na segunda etapa do Ensino Médio na EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo, localizado em Macapá, Amapá. Para isso, foi realizada uma investigação qualitativa, descritiva e transversal, utilizando um questionário aberto como método de coleta de dados. Os resultados indicaram que a maioria das alunas é composta por jovens entre 18 e 20 anos, sendo que apenas seis delas são mães. Estas estudantes pertencem à classe popular, com rendimentos familiares que variam de um a dois salários-mínimos. A maioria é solteira, havendo apenas uma estudante divorciada e outra viúva. Os principais desafios enfrentados para continuar no curso estão relacionados às responsabilidades familiares, como o cuidado com os filhos, além de questões como carga de trabalho, transporte, dificuldades financeiras, problemas de saúde e de aprendizado. Por outro lado, os fatores que favorecem a permanência incluem o apoio familiar, a busca por um futuro mais promissor e a necessidade de um emprego que ajude na manutenção da sustento familiar. As alunas expressam gratidão pelos professores, que são fundamentais para seu desenvolvimento e para o fortalecimento do senso de pertencimento ao ambiente escolar, além de incentivarem seus sonhos sociais e profissionais.

**Palavras-chave:** Desafios. Permanência. Mulheres. Ensino Médio. EJA.



Recebido em: Mar. 2024 Aceito em: Ago. 2024

DOI: 10.56069/2676-0428.2024.488

*Pesquisa Científica em Perspectiva Global*

Setembro, 2024 v. 3, n. 21

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428





## Women's formative challenges: between being and becoming

**Abstract:** Youth and Adult Education (EJA) represents a significant alternative for those who, for various reasons, could not access education at an appropriate age. This study focused on the permanence of women in the second stage of high school in the EJA of the Professor Paulo Melo Supplementary Studies Center, located in Macapá, Amapá. For this, a qualitative, descriptive and cross-sectional investigation was carried out, using an open questionnaire as a method of data collection. The results indicated that most of the students are young people between 18 and 20 years old, and only six of them are mothers. These students belong to the popular class, with family incomes ranging from one to two minimum wages. Most are single, with only one divorced student and one widow. The main challenges faced to continue in the course are related to family responsibilities, such as taking care of children, in addition to issues such as workload, transportation, financial difficulties, health and learning problems. On the other hand, the factors that favor permanence include family support, the search for a more promising future, and the need for a job that helps maintain family support. The students express gratitude for the teachers, who are fundamental for their development and for strengthening the sense of belonging to the school environment, in addition to encouraging their social and professional dreams.

**Keywords:** Challenges. Permanence. Women. Middle School. EJA.

## Retos formativos de las mujeres: entre el ser y el devenir

**Resumen:** La Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) representa una alternativa significativa para quienes, por diversas razones, no pudieron acceder a la educación a una edad adecuada. Este estudio se enfocó en la permanencia de las mujeres en la segunda etapa de la enseñanza media en la EJA del Centro de Estudios Suplementarios Profesor Paulo Melo, ubicado en Macapá, Amapá. Para ello, se realizó una investigación cualitativa, descriptiva y transversal, utilizando como método de recolección de datos un cuestionario abierto. Los resultados indicaron que la mayoría de los estudiantes son jóvenes de entre 18 y 20 años, y solo seis de ellos son madres. Estos estudiantes pertenecen a la clase popular, con ingresos familiares que oscilan entre uno y dos salarios mínimos. La mayoría son solteros, con un solo estudiante divorciado y una viuda. Los principales retos a los que se enfrenta para continuar en el curso están relacionados con las responsabilidades familiares, como el cuidado de los hijos, además de cuestiones como la carga de trabajo, el transporte, las dificultades económicas, los problemas de salud y de aprendizaje. Por otro lado, los factores que favorecen la permanencia incluyen el apoyo familiar, la búsqueda de un futuro más prometedor y la necesidad de un trabajo que ayude a mantener el apoyo familiar. Los estudiantes expresan su agradecimiento a los docentes, quienes son fundamentales para su desarrollo y para fortalecer el sentido de pertenencia al entorno escolar, además de incentivar sus sueños sociales y profesionales.

**Palabras clave:** Desafíos. Permanencia. Mujeres. Secundaria. EJA.

## Introdução

A educação e a função do sistema escolar transcendem a simples formação acadêmica. A escola não apenas potencializa o desenvolvimento cognitivo, mas também prepara os indivíduos para a convivência em sociedade e para a inserção no mercado de trabalho. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essas funções se tornam ainda mais evidentes, especialmente considerando que a maioria dos alunos se empenha intensamente nesta nova oportunidade de integração escolar e social.

Nesse sentido, a EJA deve criar condições que previnam a evasão e a desmotivação. Esta modalidade de ensino, legalmente reconhecida, visa oferecer a chance de conclusão dos estudos àqueles que não conseguiram fazê-lo na idade adequada. Contudo, ainda há muito a ser feito, uma vez que as políticas públicas, em sua maioria, garantem apenas o acesso, sem assegurar a permanência dos estudantes na escola.

É essencial que as instituições educacionais compreendam os motivos que levaram os alunos ao abandono escolar em diferentes etapas, assim como suas expectativas ao retornarem à EJA. Com essa compreensão, a escola pode desenvolver estratégias específicas que atendam às necessidades desses estudantes.

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD realizada pelo IBGE (2019), 53% dos alunos da EJA eram mulheres e 47% homens. O maior grupo com menor rendimento era composto por aqueles que recebiam até  $\frac{1}{4}$  do salário-mínimo (3,0%) e os sem renda (2,6%). A maioria era parda (47,2%), seguida por brancos (41,2%), negros (10,5%) e de outras raças (1,1%). Esses dados evidenciam a interligação entre gênero e EJA, destacando a predominância feminina entre os alunos.

Vieira (2017, p. 54) aponta que as mulheres ainda enfrentam discriminação na sociedade atual, indicando fatores que contribuem para seu afastamento dos estudos, como limitações familiares, a percepção de que a mulher não necessita estudar, a entrada precoce no mercado de trabalho, bem como casamento e filhos. As recentes transformações sociais são visíveis,

especialmente no que tange ao comportamento e à aceitação das mulheres. Atualmente, observa-se uma maior presença feminina no mercado de trabalho, muitas das quais tornaram-se chefes de família e um número significativo decidiu retornar à educação.

Ao tratar da presença feminina na Educação de Jovens e Adultos (EJA), é fundamental levar em conta a rica bagagem que essas mulheres trazem, resultante de suas diversas experiências e trajetórias iniciais até seu retorno à escola. Nesse contexto, a escola desempenha um papel vital, atuando como um agente de transformação e empoderamento, permitindo que essas mulheres interpretem o mundo ao seu redor e se tornem protagonistas de suas próprias histórias. Durante as interações diárias em sala de aula, nota-se que as alunas da EJA apresentam características singulares que refletem diversas culturas e experiências desafiadoras.

Muitas delas provêm de áreas periféricas ou rurais e, frequentemente, são mães que levam seus filhos à escola, seja pela ausência de cuidadores ou pela necessidade de garantir o acesso à merenda escolar. Portanto, torna-se imprescindível compreender as dificuldades que essas mulheres enfrentam ao ingressar na EJA, reconhecendo como superam os desafios para equilibrar suas responsabilidades e o aprendizado.

A política de acesso e permanência na EJA é essencial para oferecer às mulheres as oportunidades necessárias para superar obstáculos e avançar em sua formação profissional. O comprometimento dos educadores é crucial para apoiar aquelas que desejam concluir a Educação Básica. A EJA representa uma esperança significativa para mulheres que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada. Por meio da educação, elas conquistam autonomia, autoconfiança e a possibilidade de transformar suas vidas.

A Educação de Jovens e Adultos destina-se a estudantes que não tiveram acesso à escolaridade na época correta, motivados por diversos fatores que impediram sua frequência escolar no momento adequado.

No contexto da EJA, muitas mulheres, conforme aponta Souza (2019), enfrentam obstáculos adicionais, pois frequentemente precisam cuidar da família ou trabalhar desde cedo para contribuir com a renda. Elas se veem

divididas entre suas responsabilidades profissionais e educacionais, lutando para equilibrar a jornada de trabalho com as tarefas domésticas. Uma pesquisa do IBGE (2019) revelou que 53% dos alunos da EJA são mulheres, com perfis diversos: mães, solteiras, avós, trabalhadoras, desempregadas, entre outras. No entanto, todas compartilham um desejo comum: a vontade de aprender, apesar das dificuldades.

A educação é fundamental para a emancipação feminina, oferecendo a chance de melhorar de vida, crescer e se empoderar. A escola torna-se um espaço de superação da exclusão. Cada vez mais, as mulheres buscam retomar seus estudos para realizar seus sonhos e reintegrar-se à sociedade e ao mercado de trabalho.

Diante desse cenário, surgem as seguintes questões: qual o perfil das mulheres que finalizaram a EJA? Quais fatores dificultam a permanência dessas estudantes na EJA? Quais são as expectativas das alunas ao finalizarem o ensino médio nesta modalidade? Dessa forma, a questão central desta pesquisa é: como se dá a permanência das mulheres na 2ª etapa do Ensino Médio EJA no Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o processo de permanência das mulheres na 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo. As estratégias metodológicas para coleta e análise de dados fundamentam-se em uma investigação com desenho não experimental, descritivo, transversal e de enfoque qualitativo, focando no estudo das pessoas, suas particularidades, comportamentos e contextos. A pesquisa conta com a participação de 22 alunas que concluíram a segunda etapa do Ensino Médio na modalidade EJA em 2023. A técnica utilizada para a coleta de dados foi um questionário aberto, e os resultados foram analisados conforme a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

### **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil representa um tema de grande relevância, tanto sob a ótica educacional quanto social. Essa

modalidade busca atender indivíduos que não conseguiram concluir seus estudos na faixa etária adequada, em decorrência de dificuldades financeiras, falta de acesso à educação ou outras circunstâncias adversas. Nos últimos anos, o Brasil tem se empenhado em aprimorar a oferta e a qualidade da EJA, reconhecendo a importância de garantir a todos, independentemente da idade, o acesso à educação básica.

Historicamente, a EJA enfrentou inúmeros desafios, como a inexistência de políticas públicas eficazes e o estigma social que recai sobre os adultos que optam por retornar aos estudos. No entanto, avanços significativos têm sido registrados recentemente. A Constituição de 1988 estabeleceu o direito à educação para todos, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, oficializou a EJA, conferindo respaldo legal ao desenvolvimento de políticas destinadas a essa modalidade.

Um dos principais desafios da EJA no Brasil consiste em garantir a qualidade do aprendizado. Frequentemente, os alunos adultos enfrentam dificuldades decorrentes do tempo que estiveram fora da escola ou da necessidade de equilibrar trabalho e família com os estudos. Dessa forma, é essencial que os programas de EJA apresentem flexibilidade e que os currículos sejam adaptáveis às necessidades dos alunos. A formação dos professores é igualmente crucial, uma vez que eles precisam dominar metodologias específicas para atender a esse público diverso.

Outro desafio relevante é o acesso a recursos educacionais. Muitos alunos da EJA carecem de materiais didáticos, computadores ou conexão à internet, o que pode comprometer o aprendizado. Assim sendo, é fundamental que o governo invista em recursos acessíveis e amplie a inclusão digital. Adicionalmente, a evasão escolar constitui uma grande preocupação: numerosos alunos iniciam seus estudos, mas não conseguem concluí-los, seja por dificuldades financeiras, falta de incentivo ou questões pessoais.

Essa evasão muitas vezes remete a uma dinâmica complexa entre escola, família, professores e alunos. É imprescindível que as instituições de ensino se preparem para acolher e educar jovens e adultos provenientes de diferentes

contextos sociais. A sala de aula deve se tornar um ambiente estimulante e cativante, promovendo um aprendizado eficiente e inspirador.

### Alunas Mulheres da EJA

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é comum encontrar indivíduos de diversas idades com trajetórias educacionais não lineares. Observa-se, especialmente entre os jovens, uma desilusão com a educação tradicional, conforme menciona Brunel (2004, p. 9). Muitos alunos que ingressam na EJA vêm desmotivados, devido a experiências anteriores de repetência e à sensação de desorientação em relação ao mercado de trabalho e à relevância dos estudos.

Brunel (2004) destaca que a presença de jovens e adolescentes nessa modalidade educacional tem aumentado anualmente, alterando a dinâmica escolar e as relações entre os envolvidos. O perfil dos alunos da EJA tornou-se mais diversificado, incluindo aqueles com experiências educativas fragmentadas, além de um expressivo aumento na participação de jovens.

O documento-base nacional da VI Conferência Internacional de Jovens e Adultos (Confinteia) propõe uma abordagem que reconhece e valoriza essa diversidade, considerando as especificidades dos alunos da EJA – sejam mulheres, homens, jovens, adultos ou idosos. Essa pluralidade traz à luz diferentes formas de ser e pensar, que podem gerar tensões, mas também direcionar propósitos políticos voltados para a inclusão e o respeito às particularidades, sem comprometer a coesão nacional (BRASIL, 2008, p. 14).

O mesmo documento ressalta a EJA como um ambiente propício a interações intergeracionais, favorecendo a troca de saberes e a valorização das experiências de todos os participantes (BRASIL, 2008, p. 14).

Dias et al. (2016, p. 50) observam que as características dos alunos da EJA vão além da baixa escolaridade e da compreensão de suas realidades sociais. Muitas jovens nessa modalidade exercem papéis de mães e gestoras do lar, criando novas demandas que a escola precisa considerar com atenção, dada a realidade do contexto educacional.

Focando nas especificidades do ambiente escolar da EJA, Alves (2019) indica que diversos fatores motivações ou imposições levaram mulheres a abandonarem a escola em momentos cruciais. Nesse sentido, enfatiza a importância de ouvir as experiências das alunas em sala de aula.

Outro aspecto salientado por Alves (2019) é o impacto do machismo e da misoginia, que frequentemente dificultam a presença das mulheres na escola, uma vez que suas responsabilidades se concentram no lar, enquanto seus companheiros buscam oportunidades educacionais. O controle exercido por parceiros pode incluir violência física e psicológica, gerando medo e privando-as de oportunidades educacionais e sociais.

Alves (2019) ainda menciona que os preconceitos relacionados aos ritmos de aprendizagem e aos padrões de aparência são visíveis, como relatado por alunas que enfrentaram discriminação devido a características que as afastavam do padrão esperado.

Adicionalmente, a condição socioeconômica representa um desafio significativo ao acesso à educação. Muitas famílias migraram em busca de melhores oportunidades, mas a instabilidade no emprego e na moradia torna difícil priorizar a educação diante da necessidade de complementar a renda familiar.

Alves (2019) enfatiza que a escolarização foi historicamente considerada um privilégio, perpetuando exclusões por meio de práticas que refletem uma estrutura social desigual. Apesar dos avanços na democratização do acesso à educação, a contradição entre inclusão e exclusão persiste, onde o sistema educacional amplia o acesso, mas ainda deixa de fora aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos.

Essas barreiras geram injustiça social e limitam as expectativas em diversas áreas da vida, resultando em desvantagens. Portanto, é essencial reavaliar as ações e omissões nas escolas. Como indicado por Louro (1997), a escola molda identidades de gênero, étnicas e sociais. É fundamental reconhecer que a instituição educacional desempenha um papel reforçador das divisões sociais e que pode ser transformada para promover igualdade de direitos e oportunidades a todos, meninos e meninas (ALVES, 2019).



## Contexto Analisado

A discussão sobre a relevância da alfabetização das mulheres pertencentes às camadas mais vulneráveis da sociedade tem recebido atenção significativa em grandes conferências e nas políticas educacionais. Segundo Fúlvia Rosenberg (2001, p. 516), uma coalizão formada por organizações multilaterais, como Unicef, Unesco, Unifem, Banco Mundial e OCDE, além de movimentos de mulheres e governos nacionais, tem defendido a expansão do período de educação das mulheres, com o objetivo de combater a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável.

As educandas participantes optaram pelo ensino médio EJA devido à possibilidade de concluir essa etapa educacional em menor tempo, uma vez que a organização é semestral. Muitos alunos percebem essa modalidade como uma forma de recuperar o tempo perdido. Entre as participantes, 4 buscaram o ensino médio EJA com a finalidade de conseguir um trabalho. Adicionalmente, destacam-se 5 educandas que enxergaram a EJA como um meio de qualificação e crescimento profissional. Observou-se ainda que 4 estudantes se matricularam no ensino médio EJA com a necessidade de finalizar a educação básica para ingressar no ensino superior. Por último, 3 educandas afirmaram que decidiriam concluir a EJA com o objetivo de prestar um concurso público.

Diante das respostas das educandas, compreende-se que a busca pela qualificação feminina se justifica, principalmente, pelo desejo de obter melhores empregos, alcançar liberdade financeira e manter o contato com a sociedade. Contudo, é evidente que, apesar dessas mudanças positivas, as mulheres ainda não alcançaram condições de igualdade em comparação aos homens.

Conforme Buzioli e Tassoni (2021, p. 1079), "a busca pela EJA de fato é marcada pela pretensão de novas possibilidades, tanto de mobilidade social como de possibilidade de emprego". Santos (2018) ressalta que a EJA possibilita a conclusão da educação básica, promove a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho e favorece a inclusão social. Assim, muitas mulheres que buscam a EJA para dar continuidade aos estudos trazem a crença

arraigada na sociedade de que a educação é a chave para melhorar suas condições de vida.

Para Eiterer, Dias e Coura (2014, p. 171), a situação econômica familiar, a necessidade de contribuir com a manutenção da família ou mesmo de arcar sozinha com as despesas, faz com que as mulheres busquem o trabalho. Entretanto, a baixa escolaridade dificulta o ingresso no mercado de trabalho, levando-as, por vezes, a retornar à escola em diferentes fases da vida, neste caso, na modalidade EJA.

Ferreira Espinhara e Gomes Cavalcante (2021) em seus estudos constataram que os jovens e adultos retornam à escola por acreditarem que com os estudos podem alcançar objetivos pessoais como, trabalho, autonomia e aprendizado. Ou seja, esses jovens e adultos têm grandes expectativas e veem na escola e na educação oportunidades de melhorar suas vidas, como conseguir um emprego melhor, por exemplo.

A educação se apresenta como a porta para diversos caminhos e oportunidades, e é justamente essa percepção que essas estudantes passaram a ter, pois além de buscarem aprimoramento para conseguir empregos que ofereçam melhores salários, também estão atrás de independência financeira.

Atualmente, percebe-se que a temática da permanência e evasão escolar na EJA, apesar de estar sendo tema de pesquisas na última década no Brasil, ainda precisa de estudos, para que seja conhecido e compreendido, desde o motivo das mulheres ingressar nesta modalidade, até a sua permanência e conclusão. Portanto, nesta subcategoria, será analisado as respostas das participantes desta pesquisa, a partir da seguinte pergunta: Que fatores dificultam a sua permanência nos estudos?

Atualmente, observa-se que a questão da permanência e evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), embora tenha sido objeto de pesquisas na última década no Brasil, ainda demanda estudos mais profundos para que se conheça e compreenda não apenas os motivos que levam as mulheres a ingressar nessa modalidade, mas também sua permanência e conclusão. Dessa forma, nesta subcategoria, serão analisadas as respostas das

participantes desta pesquisa a partir da seguinte pergunta: Quais fatores dificultam sua permanência nos estudos?

Conforme indicado pelas respondentes, a tabela acima mostra que as alunas 5, 6, 7, 8 e 9 destacam a sobrecarga de trabalho como um obstáculo para a continuidade dos estudos.

De acordo com Ramos e Drago (2017, p. 8), entre esses fatores, observa-se a dupla ou tripla jornada de trabalho, que exige que a mulher divida seu tempo entre uma ou mais atividades remuneradas e as responsabilidades do lar. Muitas vezes, elas não conseguem conciliar as demandas escolares com as da vida pessoal, levando-as, em várias situações, a abrir mão de algum desses aspectos, sendo a escolarização frequentemente o elemento sacrificado.

Assim, embora as mulheres reconheçam a incompatibilidade de gerenciar duas ou três jornadas (emprego, responsabilidades domésticas e estudos), sem contar o cuidado que a família exige (marido e filhos), elas ainda valorizam a continuidade dos estudos, frequentemente priorizando o trabalho, que é crucial para a renda e sobrevivência, sendo, muitas vezes, a educação um requisito para atender às exigências do emprego.

Posteriormente, as estudantes 1, 2, 3 e 4 relatam como barreiras para a continuidade dos estudos as limitações familiares, como a necessidade de cuidar dos filhos e a falta de alguém para deixá-los. Isso evidencia que as dificuldades enfrentadas por essas mulheres entre o trabalho, a vida familiar e os estudos representam desafios cotidianos, muitas vezes não compreendidos por filhos, cônjuges ou familiares.

Bastos e Eiterer (2018) revelam, em sua pesquisa, que a inserção precoce no trabalho doméstico, a responsabilidade pela família, a gestação e as relações patriarcais foram citadas como fatores que contribuem para o afastamento da escola durante a infância, bem como para a infrequência e evasão na EJA.

Segundo Bastos (2011, p. 43), os fatores que resultam no afastamento das mulheres da escola incluem impedimentos familiares que reforçam a crença de que mulheres não necessitam de educação; a entrada precoce no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família; a estrutura social do casamento; e o nascimento dos filhos, que frequentemente as mantém restritas

ao âmbito doméstico. Assim, em etapas posteriores, após a criação dos filhos e, em alguns casos, dos netos, viúvas ou separadas, e aposentadas, elas podem recuperar seus sonhos e, conseqüentemente, cuidar de si mesmas, retornando à escola. As educandas 17, 18 e 19, ao mencionarem o baixo rendimento financeiro como dificuldade, evidenciam que esse fator é um contribuidor para a evasão na EJA.

Segundo Paiva (2006, p. 33), a evasão e a não conclusão dos estudos refletem o fracasso do Estado em relação às políticas educacionais e sociais, sendo a pobreza uma das principais razões para o afastamento escolar, já que requer que muitas famílias tenham mais membros trabalhando para incrementar a renda.

O poder público deve implementar políticas públicas voltadas às mulheres estudantes da EJA, garantindo seu direito à educação e à conclusão de todos os níveis educacionais.

Para as estudantes 10, 11, 12 e 13, a distância entre a escola e suas residências representa um obstáculo para a permanência nos estudos. Já as alunas 14, 15 e 16 mencionam a falta de transporte próprio. Assim, entende-se que as educandas não têm uma escola próxima de casa. Isso impõe desafios para a continuidade dos estudos, uma vez que as alunas necessitam de mais tempo para se deslocar entre casa e escola e, principalmente, devido ao custo do transporte. Uma solução viável para esses problemas seria a implementação pelo governo de um auxílio-transporte para as mulheres estudantes da EJA ou a gratuidade do transporte coletivo para que possam ir à escola.

As alunas 20 e 21 enfrentam dificuldades de aprendizado dos conteúdos, em razão do extenso tempo sem estudar. As dificuldades enfrentadas por essas alunas também são abordadas nos estudos de Braz e Costa (2015, p. 49):

O terceiro motivo mais citado foi a falta de compreensão dos conteúdos ensinados pelos professores. Os conteúdos de matemática são considerados os mais difíceis, seguidos de português e ciências. Os educandos referem que os professores não oferecem a atenção necessária, e muitos sentem vergonha de admitir quando não entendem o conteúdo apresentado.

Diante desse contexto, entende-se que o professor deve promover o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem a partir da realidade vivida pelos alunos, não se restringindo a uma mera transmissão de conhecimentos. Pois, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas por estudantes da EJA, a escola é vista como um caminho para ascensão e oportunidades, permitindo o desenvolvimento de competências e habilidades que garantam melhores condições de trabalho e qualidade de vida.

Existem diversas situações e desafios na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que merecem atenção, especialmente no que diz respeito ao alto índice de evasão escolar entre as mulheres. Entretanto, também existem fatores que favorecem a continuidade e a conclusão dos estudos por parte das mulheres na EJA.

Segundo Faria (2013), foram propostas estratégias para assegurar a permanência dos estudantes na EJA, incluindo: a coleta de dados para um melhor entendimento dos alunos, o diálogo com os profissionais da escola sobre os obstáculos que dificultam o acesso e a permanência de jovens, adultos e idosos, a comunicação com os alunos que se afastaram para facilitar seu retorno, o monitoramento da frequência de todas as idades com estratégias sistemáticas para aqueles que apresentam faltas, e a busca por soluções para superar as dificuldades de aprendizagem. É igualmente importante oferecer diferentes recursos de aprendizagem e uma metodologia contextualizada. Assim, é essencial que a EJA crie condições e oportunidades para que a evasão e a desmotivação não se tornem problemas recorrentes nesse nível de ensino.

Conforme aponta Cittadin (2015, p. 15), "um dos desafios atuais das escolas é assegurar que os jovens e adultos permaneçam no sistema de ensino formal, concluam sua educação básica e, eventualmente, ingressem no ensino superior". Dessa forma, nesta subcategoria, serão analisados os fatores positivos que contribuem para a permanência das mulheres na EJA.

De acordo com as respostas apresentadas na tabela acima, as Estudantes 1, 2, 3, 4 e 5 destacam que continuam seus estudos graças ao incentivo e ao suporte familiar, motivadas pelo desejo de proporcionar melhores condições de vida para seus filhos.

Santos (2014) enfatiza que as mulheres retomam seus estudos impulsionadas pelo anseio de conquistar um bom emprego, elevar a autoestima, buscar independência e servir como exemplo para seus filhos.

Conforme Klein (2003, p. 11), os alunos da educação de jovens e adultos apresentam, via de regra, características próprias: são, majoritariamente, trabalhadores (às vezes desempregados) ou filhos de trabalhadores que vivem em uma condição socioeconômica que impõe inúmeras restrições. Entre essas, encontra-se, evidentemente, a própria possibilidade de se enquadrarem nas exigências do modelo escolar regular, bem como a emergência de interesses imediatos específicos, marcados pela busca de mecanismos de sobrevivência."

Assim, a educação de jovens e adultos se torna um direito e uma oportunidade de formação social, especialmente para mulheres que atualmente enfrentam uma dupla jornada de trabalho e buscam melhores condições dentro da sociedade para ajudar suas famílias.

As Estudantes 6, 7, 8 e 9 apontam que a aprendizagem é um fator crucial para a continuidade nos estudos. Esses relatos enfatizam que a EJA deve se preocupar com a emancipação e a contextualização, pois as alunas têm um forte desejo de aprender, como exemplifica a Estudante 8: *"Pra mim é o aprendizado mesmo, porque se eu melhorar meu aprendizado, vou conseguir meu objetivo."*

Nesse contexto, a estudante da EJA busca, através da educação, transformar sua vida, ampliar suas possibilidades e dar significado a seus conhecimentos. Para Buzioli e Tassoni (2021), os alunos da EJA são sujeitos histórico-culturais que trazem saberes e cultura, além de seus projetos de vida. Eles carregam as marcas de suas experiências e veem a escola como parte do seu projeto de transformação.

As Estudantes 10, 11, 12, 13, 14 e 16 afirmaram que continuam a estudar com o objetivo de conseguir um emprego no futuro. Assim, ao analisar as respostas, verifica-se que o principal motivo da permanência dessas alunas é o trabalho, refletindo sua preocupação em melhorar suas situações profissionais e a relevância que o emprego tem em suas vidas.

Reiterando, Santos (2014) destaca que as mulheres retomam os estudos almejando um bom emprego, a elevação da autoestima, a independência e o exemplo para seus filhos. Essa busca por qualificação deve-se especialmente ao desejo de conquistar melhores empregos e liberdade financeira, além de se manterem em contato com a sociedade. Entretanto, o que distingue essa busca é a vontade de encontrar um trabalho digno, que inclua remuneração adequada, satisfação na atividade desempenhada, melhoria na qualidade de vida e uma ocupação menos extenuante, aspectos frequentemente ausentes em suas funções atuais.

Para as Estudantes 16, 17, 18 e 19, a motivação para continuar os estudos é o sonho de ingressar em uma faculdade. Por meio de suas respostas, elas expressam o desejo de formar-se em um curso superior, mudando assim suas situações de vida.

Essas aspirações estão alinhadas com os objetivos gerais da Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 1997, p. 48), que visam:

"Incorporar-se ao mundo do trabalho com melhores condições de desempenho e participação na distribuição da riqueza produzida. Ter acesso a outros graus ou modalidades de ensino básico e profissionalizante, assim como a outras oportunidades de desenvolvimento cultural."

Portanto, essas mulheres buscam na escola mais do que conteúdos a serem simplesmente reproduzidos; como cidadãs, desejam ser ativas e participativas, e muitas aspiram frequentar uma faculdade. A motivação e a confiança para continuar seus estudos as empoderam, reavivando seus sonhos e desejos de realizar suas profissões.

As Estudantes 20, 21 e 22 mencionaram que sua razão para continuar frequentando as aulas é a possibilidade de concluir o ensino médio. As mulheres que buscam a EJA têm objetivos específicos, distintos e individuais. Nesse sentido, Gonçalves (2014, p. 11) observa que, "[...] os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola, e o objetivo principal não é necessariamente a busca por certificações ou conclusão formal."

Cittadin (2015, p. 15) ressalta que "um dos desafios da escola atual é tentar garantir a permanência dos jovens e adultos em seu retorno ao sistema

formal de educação, sua conclusão na educação básica e futura entrada no ensino superior.”

Considerando que estudar nos dias atuais é um desafio, a EJA representa um desafio ainda maior, já que seu público-alvo é composto por pessoas que ficaram muitos anos afastadas do ambiente escolar; jovens que não tiveram sucesso no ensino regular; homens e mulheres que têm família, trabalham o dia todo e precisam superar a fadiga e, em alguns casos, as próprias responsabilidades familiares para continuar sua trajetória educacional.

A motivação dos alunos, a manutenção do interesse pelos estudos e a permanência em sala de aula constituem uma preocupação central para os docentes. Muitos professores reconhecem as dificuldades que os alunos da EJA enfrentam, especialmente aqueles que frequentam as aulas à noite. Para enfrentar esse desafio, os educadores buscam adotar estratégias diferenciadas para contribuir com a permanência dos alunos na escola. Nesse sentido, esta subcategoria aborda as contribuições da prática docente na continuidade educacional das mulheres concluintes do ensino médio na EJA.

De acordo com Santos (2007), os educadores têm a responsabilidade de desenvolver estratégias metodológicas que despertem o interesse dos alunos, possibilitando que a escola cumpra plenamente sua função social e supere problemas como o fracasso escolar, a repetência e a evasão.

Segundo Freire (1975), a educação deve ser entendida na perspectiva de reflexão, ação e nova reflexão. Assim, a organização dos conteúdos para a prática da EJA requer uma reflexão que, muitas vezes, está subordinada ao método utilizado na prática pedagógica.

Dessa forma, o papel do professor em sala de aula caracteriza-se como o de facilitador do processo, que se constrói com base no conhecimento sistemático. Isso inclui a organização dos conteúdos e disciplinas de maneira transversal, rompendo com a abordagem conteudista através da interdisciplinaridade na busca do conhecimento.

As Estudantes 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 relataram que os professores utilizam o diálogo como estratégia para encorajá-las a não desistir e continuar seus estudos. Assim, constata-se que, nas falas das alunas, o diálogo



emerge como um elemento central não apenas na relação professor-aluno, mas também no processo de ensino-aprendizagem. Os docentes se esforçam para compreender o que os alunos buscam na sala de aula, o que precisam aprender e o porquê disso, com o objetivo de tornar as aulas mais significativas.

Conforme Freire (1980, p.42), o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.

Os professores da EJA devem implementar metodologias de ensino que promovam a motivação, estimulem e despertem o interesse dos estudantes, permitindo que estes desenvolvam o conhecimento e queiram permanecer no ambiente escolar para concluir seus estudos.

Nas declarações das Estudantes 21 e 22, destaca-se a palavra “Acolhimento”, que reflete a gratidão e a valorização por parte dos professores, que se preocupam com as alunas, demonstrando possibilidades de pertencimento ao espaço educativo e encorajando-as em relação aos seus anseios sobre a trajetória escolar e social. Assim, esse ato de acolhimento evidencia uma forma de empoderamento das mulheres estudantes da EJA, reforçando a consciência de que, juntas, podem facilitar suas vidas ao adquirir conhecimento e novas oportunidades.

Leal (2018), ao analisar as ideias freirianas sobre o empoderamento das mulheres educandas da EJA, menciona que elas passam por um processo de conquistas e reconquistas de autonomia e autoestima ao retornarem à escola para desenvolver novos conhecimentos e ampliar seus horizontes. Essa expansão de visão de mundo se dá tanto no contexto familiar quanto no trabalho, na sociedade, na cultura, na política e na economia. Essas mulheres passam de figuras invisíveis, sem poder de fala, a protagonistas da sua própria vida.

Xavier (2021) enfatiza que as alunas da modalidade de ensino EJA trazem consigo uma gama de características únicas, incluindo diversas origens culturais e as marcas deixadas pela violência em suas vidas. O objetivo primordial da educação EJA é ampliar as oportunidades educacionais para esses

jovens e adultos, especialmente considerando os motivos que os levaram a abandonar a escola regular na infância ou adolescência.

De acordo com Alves e Backers (2016), a função do educador na EJA é abrir caminhos e ampliar as possibilidades para os educandos. Na prática, o educador deve mostrar aos jovens e adultos que é possível mudar e transformar sua realidade e sua história. Isso só se torna viável para aqueles que estão dispostos a acreditar, que desejam aprender e também ensinar; por isso, o educador precisa refletir sobre sua prática, para que esta atenda às necessidades de seus alunos, contribua para sua transformação e, acima de tudo, respeite suas crenças.

Fez-se as seguintes perguntas às participantes: Quais são suas expectativas ao concluir o ensino médio na EJA? Todas as estudantes expressaram de forma unânime o desejo de ingressar no ensino superior. Em termos de futuro, as Estudantes 1, 2, 10, 12 e 13 manifestaram a expectativa de conseguir um emprego. Compreende-se que as mulheres buscam na EJA a certificação de seus estudos para avançar na educação superior, buscando melhorias em sua qualidade de vida por meio do aperfeiçoamento acadêmico, almejando empoderamento e novas oportunidades de trabalho, além de uma maior remuneração para sua subsistência e de suas famílias.

Segundo Freire (1994, p.5), "o homem é um ser inconcluso, que está em constante processo de construção, e é, justamente, nesse sentimento de incompletude que se aloca a força e as motivações de buscar-se completo." Nesse contexto, as mulheres estudantes da EJA anseiam por concluir seus estudos como parte de sua trajetória de vida. Portanto, a educação é reconhecida como um caminho para a melhoria das condições de vida e transformação social, devido à possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

Conforme Vigano e Laffin (2016), a escola exerce um papel significativo nas relações sociais, especialmente nas turmas de EJA, onde as educandas percebem o ambiente escolar como um espaço de socialização, enfrentamento das desigualdades, conquista de autonomia, emancipação e empoderamento feminino.

Xavier (2021) ressalta que as alunas da modalidade de ensino EJA possuem uma diversidade de características singulares, refletindo diferentes origens culturais e as marcas de violências vivenciadas ao longo de suas vidas. O objetivo central da educação EJA é ampliar as oportunidades educacionais para as mulheres. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos se estabelece como um caminho singular para reavivar sonhos que foram temporariamente abandonados.

Segundo Leal (2018), as mulheres, com a ajuda da educação, estão superando seu papel de indivíduos submissos, buscando ampliar seu espaço na sociedade e lutando pela realização de suas vontades e pela igualdade de gênero tanto nas escolas quanto no mercado de trabalho. Através da EJA, muitas mulheres conseguiram avançar em seus estudos, concretizar o sonho de obter um diploma, prestar concursos públicos e adentrar no mercado de trabalho. Essas mulheres, por meio de seu esforço, tornaram-se exemplos inspiradores para outras.

A maior contribuição que a EJA pode oferecer às educandas e educandos é proporcionar uma leitura crítica do mundo ao seu redor, acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, e ensinamentos sobre cidadania, sobre a vida e os direitos de todas as pessoas, especialmente mulheres e pessoas negras, na busca por um mundo mais justo e democrático.

### **Considerações Finais**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma oportunidade essencial para aqueles que não completaram seus estudos, englobando tanto o ensino fundamental quanto o médio. De acordo com Silva (2021), a maioria dos alunos da EJA é formada por trabalhadores que dedicam seu dia ao emprego e optam por estudar à noite. Muitos enfrentam o analfabetismo funcional, sendo capazes de reconhecer apenas letras. A motivação para retomar os estudos geralmente decorre da dificuldade em compreender informações ou do desejo de aplicar o conhecimento em suas atividades laborais. Para esses indivíduos, a educação é considerada um instrumento significativo de

transformação, permitindo a conquista de novas metas, como a melhoria nas condições de trabalho. Assim, a EJA se destaca pelo incentivo à inclusão feminina na educação, visto que muitas mulheres abandonam o ensino regular devido a responsabilidades familiares, mas conseguem retornar por meio dessa modalidade.

Dias et al. (2005, p. 50) enfatizam que "os sujeitos destinatários da pedagogia da EJA apresentam características que vão além da não infância, baixa escolaridade e pertencimento às camadas populares."

Conforme afirmam Fernandes, Nascimento, Silva, Oliveira e Ferreira (2016), esse modelo educacional possibilita que mulheres que precisaram interromper seus estudos por diversas razões – como a necessidade de trabalhar desde jovens, a formação de famílias que geram sobrecarga ou a falta de transporte até a escola – consigam retomar a educação.

Refletir sobre a EJA requer uma análise aprofundada da participação feminina, que historicamente enfrentou a exclusão educacional no Brasil. As trajetórias dessas mulheres são marcadas por uma submissão a papéis de gênero tradicionais. Apesar de suas lutas por um espaço na sociedade, ainda se deparam com barreiras na conquista de seus direitos.

Reconhece-se que a responsabilidade pelo sustento familiar leva muitas mulheres a abandonarem a escola antes de finalizar o ensino fundamental. Muitas optam por estudar à noite, o que pode dificultar a conciliação entre trabalho e educação. A pressão financeira frequentemente obriga essas mulheres a priorizarem o emprego em detrimento da formação formal.

Portanto, é imprescindível a elaboração e implementação de políticas públicas específicas para a EJA, com foco nas necessidades das mulheres. Embora tenham ocorrido avanços nas legislações que tratam dessa modalidade de ensino, as políticas educacionais ainda apresentam lacunas, e a falta de ações públicas limita as oportunidades para jovens e adultos que não tiveram acesso à escolarização na idade adequada, perpetuando a exclusão social.

## Referências Bibliográficas

Alves, J. E. D. (2019). **Inserção Social e Exclusão Política das Mulheres Brasileiras**. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/insercao\\_social\\_e\\_exclusao\\_politica\\_das\\_mulheres\\_jul09.pdf](http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/insercao_social_e_exclusao_politica_das_mulheres_jul09.pdf).

Alves, Y. C. (2016). **Trajetória de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199212>

Bardin, L. (2016). **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro – São Paulo. Edições 70.

Brasil. (2008). Parecer CNE/CEB. **Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos, desenvolvida por meio da Educação a Distância**. Brasília: MEC.

Braz, E. E.; Costa, M. D. N. B. D. (2015). **A educação de jovens e adultos: o desafio da permanência do educando em sala de aula, a evasão escolar na escola Gedeão Chaves**.

Buzioli, J. R. de S.; Tassoni, E. C. M. (2021). Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos: Sentidos Atribuídos pelos Alunos para a Permanência na EJA. **Revista Inter - Ação**, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, p. 1068-1085, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46ied.especial.68193. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68193>.

Cittadin, D. (2015). **EJA e mulheres**. São Paulo: Saraiva.

Dias, A. S. et al. (2016). **Mulheres egressas da EJA na Universidade: entre intempéries, sonhos possíveis e inéditos viáveis**. Amapá: UEAP - Universidade do Estado do Amapá. Disponível em: [https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atos\\_depesquisa/article/download/5435/3334](https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atos_depesquisa/article/download/5435/3334).

Eiterer, C. L.; Dias, J. D.; Coura, M. (2014). Aspectos da escolarização de mulheres na EJA. **Perspectiva** (UFSC), v. 32, p. 161-180.

Faria, R. S. de. (2013). **Evasão e Permanência na EJA: por um Trabalho de Qualidade na Gestão de uma Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte.** (2013). 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão e Avaliação da Educação Pública, Caed - Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Fernandes, C. L. N.; Nascimento, P.H.L.; Silva, W. T. A.; Oliveira, M. J.; Ferreira, K. R. M. (2016). A inserção da Mulher na modalidade EJA. **II Congresso Internacional de Educação Inclusiva.** Campinas Grande - Pernambuco.

Ferreira Espinhara, G. H., & Gomes Cavalcante, M. J. (2021). **Retorno e Permanência na Educação de Jovens e Adultos (EJA):** Motivos e Desafios. *Educação e (Trans)formação*, 6, 79-95.

Freire, P. (1975). **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1980). **Conscientização: teoria e prática da libertação.** 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes.

Freire, P. (2000). **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP.

Gonçalves, D. M. (2014). **Formação do Educador para EJA.** São Paulo/SP.

Leal, V. de O. (2018). **Sempre queremos aprender: EJA e o empoderamento da mulher na educação pública de Teresina (PI).** 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho, São Paulo.

Louro, G. L. (1997). **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes.

Santos, I. P. S. (2014). A Evasão Escolar na EJA. *Olhares & Trilhas*, v.20, n.1, p. 61-72.

Vieira, M. C., & Cruz, K. N. (2017). A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. *Educação*, 42(1), 45-56.  
<https://doi.org/10.5902/1984644420116>

Xavier, M. V. R. T. (2021). **Mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA):** Um olhar sobre o empoderamento das mulheres entre 40 e 60 anos. Universidade Federal da Paraíba.